ESTIGMA TERRITORIAL E DIFERENCIAÇÕES SOCIOESPACIAIS DA/NA PERIFERIA: O CASO DO PIMENTAS (GUARULHOS-SP)

TERRITORIAL STIGMATE AND SOCIO-SPATIAL DIFFERENTIATIONS OF/IN THE PERIPHERY: O CASO DO PIMENTAS (GUARULHOS-SP)

STIGMATE TERRITORIAL ET DIFFÉRENCIATIONS SOCIO-SPATIALES DE/DANS LA PÉRIPHÉRIE: LE CAS DE PIMENTAS (GUARULHOS-SP)

TAÍS SOUZA DA CRUZ

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Email: tais.souza@unesp.com

JEAN LEGROUX

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Email: legrouxjean3@gmail.com

Resumo:
No urbano, as periferias passam por processos de estigma territorial, associados a outros mecanismos de diferenciação socioespacial. Nesse artigo, trata-se, por um lado, de analisar a construção do estigma territorial do distrito do Pimentas em Guarulhos, através de matérias de jornais e de memes nas redes sociais. Por outro lado, a reflexão consiste em analisar diversos discursos e representações de habitantes de Guarulhos, primeiramente de habitantes que não moram e não conhecem o Pimentas, e que perpetuam o estigma territorial através de uma imagem negativa. No entanto, os habitantes do bairro entrevistados fornecem uma outra visão e desmentem em parte os adjetivos associados ao estigma dos Pimentas: violento, inseguro, pobre. No mesmo sentido, apresentamos os resultados de um Grupo Focal realizado com mulheres moradoras de um conjunto Minha Casa Minha Vida (MCMV) situado no Pimentas, com o objetivo de enfatizar que a diferenciação socioespacial se exerce em todas as escalas.

Palavras-chave: Estigma territorial, Diferenciação socioespacial, Periferia, Distrito do Pimentas, Guarulhos

Abstract:
In the urban world, the peripheries are subject to a process of territorial stigmatization accompanied by other mechanisms of socio-spatial differentiation. In this context, the first objective of this work is to analyze the construction of a territorial stigma in the district of Pimentas, in the municipality of Guarulhos, through newspaper articles and memes on social networks. The second objective is to analyze different discourses and representations through speeches of non-residents, that convey the territorial stigma through a negative image. However, the residents interviewed disagree and partially deny the adjectives associated with this stigma: violent, unsafe and poor. Similarly, we present the results of a focus group conducted with women living in a popular housing estate of the federal program Minha Casa Minha Vida in the center of Pimentas to show different levels of socio-spatial differentiation.

Keywords: Territorial Stigmate, socio-spatial differentiation, Periphery, Pimentas district, Guarulhos.

Résumé:
Dans l'urbain contemporain, les périphéries subissent des processus de stigmatisation territoriale, associés à d'autres mécanismes de différenciation socio-spatiale. Dans cet article, il s'agit d'un côté, d'analyser la construction du stigmate territorial du district de Pimentas, au travers d'articles de journaux et de memes tirés des réseaux sociaux. De l'autre, la réflexion se base sur l'analyse de plusieurs discours et représentations d'habitants de Guarulhos, d'abord d'habitants qui n'habitent pas et ne connaissent pas Pimentas, et qui perpétuent le stigmate territorial par le biais d'une image négative. Cependant, les habitants du quartier interviewés apportent une autre vision et démentent en partie les adjectifs associés au stigmate de Pimentas: violent, non sécurisé et pauvre. Dans le même sens, nous présentons les résultats d'un Focus Groupe réalisé avec des femmes qui vivent dans un ensemble résidentiel d'immeubles, c'est-à-dire des logements sociaux du programme fédéral Minha Casa Minha Vida, situé dans la centralité de Pimentas, avec l'objectif de mettre en exergue le fait que la différenciation socio-spatiale s'exerce à toutes les échelles.

Mots-clés / Palabras-clave: Stigmate territorial, différenciation socio-spatiale, périphérie, district de Pimentas, Guarulhos.

Introdução[1]

O Pimentas é simultaneamente um bairro (de 150.000 habitantes) e uma Unidade de Planejamento Territorial (UPR)[2] de Guarulhos, que, por sua vez, é o segundo município da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) e a décima terceira cidade brasileira em termos populacionais, com 1,4 milhões de habitantes.

Do ponto de vista dos elementos que o caracterizam, em um sentido clássico, como uma periferia, Pimentas é um território: i) distante tanto do centro de Guarulhos quanto do centro de São Paulo; ii) caracterizado por uma ocupação de populações de baixa renda, e pela insuficiência de oferta de moradias adequadas e legais, explicando a grande quantidade de ocupações e favelas; iii) por infraestruturas e serviços urbanos inferiores aos do centro em termos quali e quantitativo (redes de esgoto, infraestruturas de mobilidade, eletricidade, água etc.); iv) considerado como violento e inseguro.

No entanto, para além da sua condição periférica, o distrito do Pimentas passou, nas duas últimas décadas, por inúmeras mudanças em termos da implantação de diversos serviços e infraestruturas públicas, da construção de numerosos conjuntos habitacionais pelo Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), mas também da proliferação de comércios e serviços, do Shopping Center Bonsucesso às franquias de marca espalhadas (como

[1] Este artigo é oriundo do Trabalho de Conclusão de Curso "Pimentas na periferia metropolitana: reflexões acerca do estigma territorial e de suas contradições" sob orientação da Prof. Maria Encarnação Beltrão Sposito e coorientação do Dr. Jean Legroux. Agradecemos a Mariana Novaes e ao Pablo Oliveira pela revisão do artigo, e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da pesquisa através das bolsas: Processo nº 2019/09852-6 e Processo nº 2019/04664.

[2] A UPR do Pimentas é composta dos bairros seguintes: Pimentas, Água Clara, Aracília, Itaim, e algumas partes dos bairros Presidente Dutra e Bonsucesso.

McDonald, por exemplo) pela área, passando pelos comércios de proximidade de todo tipo (cabeleireiros, salão de beleza, padarias, borracharias) e pelo comércio ambulante. No nível do habitar, nota-se um mosaico de tipos espaços de moradia: ocupações, favelas, conjuntos habitacionais populares mais antigos, como os da CDHU[3] , aos mais recentes, como os do Minha Casa Minha Vida, casas de bairros abertos, com condições diferentes em termos de infraestrutura urbana.

Assim, o distrito do Pimentas não é apenas uma "periferia da periferia", mas também, possui no seu território, um subcentro de nível regional e municipal (CRUZ; LEGROUX, 2021). Em outras palavras, trata-se de uma periferia em mutação, cada vez mais complexa, e longe de ser caracterizada apenas como lugar do "sem" ou do "menos" (emprego, infraestruturas, serviços, segurança etc.). Existe também uma heterogeneidade em termos de práticas e representações de seus habitantes.

No entanto, o Pimentas segue sendo definido, desde fora, como um lugar violento, inseguro, e "onde não tem nada", ou seja, uma visão negativa, diferenciadora e unívoca. Em um trabalho anterior (CRUZ, 2022), foram evidenciados os mecanismos da estigmatização territorial do Pimentas. Deste modo, este artigo visa, assim, compreender o impacto do discurso midiático (mais tradicional) para o fortalecimento da estigmatização territorial e as representações contemporâneas a partir das redes sociais, que também reforçam o estigma. Ademais, ao relacionar o conceito de estigma territorial com o conceito de diferenciação espacial, pretende-se um escopo maior em termos de escalas geográficas e analíticas. Por essa razão, adicionamos aqui a análise de discursos

[3] Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano.

e relatos de habitantes dos Pimentas, ou de outros bairros da cidade de Guarulhos, coletados em uma série de entrevistas e trabalhos de campo, para aportar outras visões de dentro e de fora sobre os processos de diferenciação e de estigmatização do e no Pimentas.

Dessa forma, os procedimentos metodológicos principais deste artigo são de duas ordens principais. Em primeiro lugar, foi realizado um levantamento de conteúdos midiáticos de duas formas. Por um lado, foi efetuado um levantamento digital de artigos e matérias de jornais no acervo de "O Estado de S. Paulo", de 1950, década em que se inicia o processo de periferização de Guarulhos em direção à zona leste, até os dias atuais. A compreensão das representações e narrativas nas matérias encontradas permite concluir a existência e disseminação de um estigma territorial do distrito. Por outro lado, foram aplicadas técnicas da metodologia da Netnografia[4], utilizadas para o estudo das relações dos sujeitos nas redes e mídias sociais. Dessa forma, analisamos memes retirados do Facebook, GRU MIL GRAU e GuaruTrolls, que são páginas humorísticas e de caráter regional

Em segundo lugar, mobilizamos entrevistas semi-dirigidas[5] com habitantes dos Pimentas e/ou de Guarulhos, de um total de 40 realizadas entre 2020 e 2022, com um roteiro elaborado em torno das práticas espaciais principais da vida cotidiana: o habitar, o trabalho, o lazer, a mobilidade, o consumo, as relações sociais e de vizinhança. Essas entrevistas foram aplicadas com moradores de diversas áreas de Guarulhos e do distrito do Pimentas, que são

[4] [...] submersão do pesquisador em um grupo, segmento ou movimento social em que as relações, também, são estabelecidas virtualmente para que seja realizada a observação e investigação de práticas sociais de comunicação que podem fornecer "pistas evidentes da conexão da antropologia com a cibercultura" (MONTARDO; ROCHA, 2005, p. 08 apud FRAGURB, 2018, p. 34)

[5] Os nomes de todos os moradores que participaram das entrevistas, por motivos de sigilo e seguindo regras de ética, foram substituídos por nomes fictícios.

diferentes em termos de idade, de gênero, de renda e de tipo de habitar e de localização. Por fim, mobilizamos um Grupo Focal realizado com nove mulheres habitantes de um conjunto residencial do programa Minha Casa Minha Vida[6], para analisar outras escalas dos processos de diferenciação e estigmatização.

Após alguns esclarecimentos sobre a dupla condição do Pimentas (periferia e subcentro), abordaremos elementos de definição dos dois conceitos chaves aqui utilizados. Em uma terceira parte, analisaremos a construção do estigma territorial de forma multiescalar, mas sempre a partir do olhar de fora do Pimentas. Em uma quarta parte, outras visões são aportadas, a partir de entrevistas com moradores do distrito em questão. Enfim, mobilizamos o Grupo Focal para aprofundar a relevância do conceito de diferenciação espacial em diversas escalas.

Periferia da periferia e subcentro: uma análise multiescalar do Pimentas

A história mais remota de Guarulhos e do Pimentas pode ser encontrada em outros trabalhos, com o detalhamento da formação de Guarulhos a partir da Capela N. Sra. da Conceição dos Guarulhos e do aldeamento São Miguel entre os séculos 16 e 17. Ainda, em novembro de 1906, a Vila N. Sra. da Conceição de Guarulhos, passa a ser denominada de Guarulhos, bem como, um mês depois, passa à condição de cidade, por meio de uma Lei estadual (CRUZ, 2022; CRUZ; LEGROUX, 2021). Outras referências exploram também a história de Guarulhos (SANTOS, 2006; ROMÃO; NORONHA, 1980; GAMA, 2009; CRUZ;

[6] As entrevistas e o grupo focal foram realizados no âmbito do projeto temático "Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: Escalas, Vetores, Ritmos, Formas e Conteúdos" processo nº 2018/07701-8.

LEGROUX, 2021), identificando, assim, diversas dinâmicas ao longo do século 20: Guarulhos como fornecedor de produtos agrícolas (frutas, legumes e verduras) e de matérias primas (cerâmicas, cal, madeira, lenha, tijolos etc.) - nas primeiras décadas do século -; o desenvolvimento industrial a partir do Estado Novo (1937-1947); a inauguração de grandes obras viárias, que também são eixos estratégicos, como a Rodovia Presidente Dutra (BR-116), em 1951, ligando São Paulo e Rio de Janeiro, e a Rodovia Fernão Dias (BR-381), em 1959, ligando São Paulo a Minas Gerais.

Nos anos 1959 e 1960, as indústrias se instalaram ao longo dessas rodovias, em áreas mais distantes do centro, isto é, especialmente na zona leste (onde se localizam Pimentas, Cumbica e Bonsucesso). Esse período dá lugar a uma fase de loteamentos periféricos, povoados inicialmente por trabalhadores das indústrias. Nas décadas de 1960 e 1970, o crescimento e a consolidação da indústria participa do crescimento demográfico e da expansão da mancha urbana e das periferias. A construção de vilas operárias não foi suficiente para suprir a demanda crescente por moradia, nos anos 1970 e nem nos 1980.

Em 1985, é inaugurado o Aeroporto Internacional de Guarulhos, que confirma o destino Guarulhense de ser um município de conexão territorial, doravante internacional. Também provoca o maior isolamento de certos bairros, como Cumbica e Pimentas, que ficam sem vias rápidas de acesso para o centro da cidade de Guarulhos.

Nessa década, o município desenvolveu suas atividades comerciais e, também, nos setores da logística e da hotelaria. A falta de moradia continua e se reflete na autoconstrução em territórios caracterizados pela falta de infraestruturas básicas

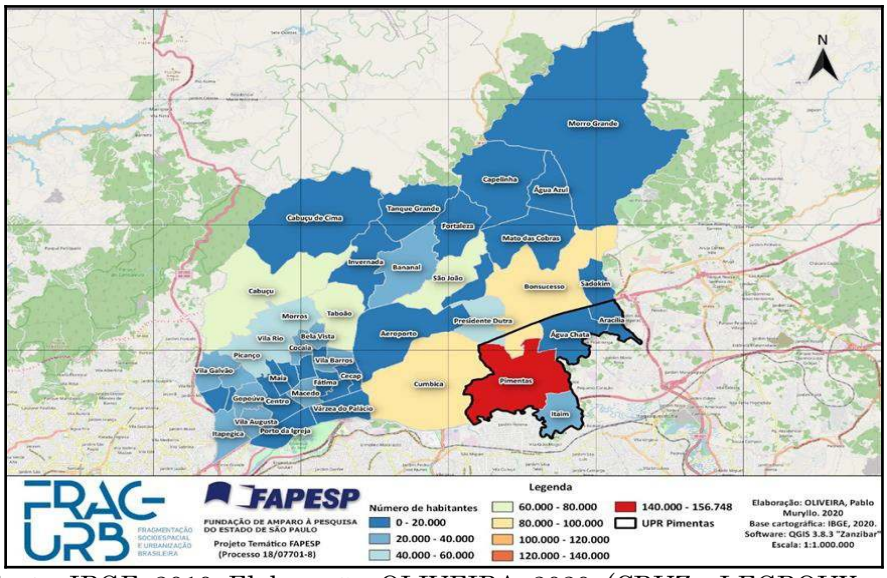
(pavimentação, redes de esgoto e saneamento, transporte público) e pela ausência do poder público através da não regularização dos loteamentos. A implantação do Aeroporto Internacional, junto com o processo de desconcentração industrial favoreceu a formação de novos espaços periféricos na zona Leste de Guarulhos, em especial no Pimentas, onde se observou a:

> [...] transformação do uso e ocupação do solo de glebas antes predestinadas ao uso industrial, gravadas como zonas industriais, e que foram sendo paulatinamente ocupadas por galpões de logísticas e principalmente pelos condomínios residenciais para população de baixa renda. (SANTOS, 2017, p.99).

Dessa forma, os anos 1980 e 1990, também, se caracterizam pela ocupação de áreas públicas e privadas, em razão da escassez dos loteamentos. No entanto, reivindicações pelo acesso à moradia digna, sua regularização e à infraestrutura e serviços urbanos básicos, começaram a obter alguma atenção por parte do poder público. Por exemplo, em 1987, por meio do projeto de Lei municipal 3283/87, houve o início de alguma regularização fundiária no Pimentas e algumas áreas do distrito foram qualificadas de zonas de interesse social, recebendo assim algumas infraestruturas (SANTOS, 2017).

Tudo isso levou à conformação de um território populoso, seja ele olhado do ponto de vista do bairro dos Pimentas, que conta com 150.000 habitantes, a da Unidade de Planejamento Regional do Pimentas, que conta com 28,57% do total da população de Guarulhos, município de 1.4 milhões de habitantes (IBGE, 2019).

Figura 1: Guarulhos. Número de habitantes por bairro (2010)



Fonte: IBGE, 2010. Elaboração: OLIVEIRA, 2020. (CRUZ e LEGROUX, 2021, p.715)

Atualmente, o distrito do Pimentas assume uma dupla condição periférica, isto é, se constitui como uma "periferia da periferia", ao mesmo tempo, que desponta como um subcentro, como argumentado em um primeiro trabalho (CRUZ; LEGROUX, 2021).

Em primeiro lugar, a condição de dupla periferia pauta-se em uma definição mais convencional da periferia, isto é, como território distante dos centros dos quais em parte depende. Há uma distância de aproximadamente 18 km entre o terminal de ônibus dos Pimentas e o centro do município de Guarulhos, enquanto há uma distância de 32 km até o centro de São Paulo (foi tomada a praça da Sé como referência). Além da distância que evidentemente, junto com as insuficiências quanti e qualitativa do transporte coletivo, dificultam o acesso dos moradores do Pimentas a outras áreas da cidade, diversos outros elementos caracterizam Pimentas como uma periferia. Dentre eles, podemos citar as

populações de baixa renda[7] , a existência e o crescimento até hoje de favelas e ocupações, delineando, de alguma forma uma paisagem tipicamente periférica[8] , a existência de índices altos de violência e de criminalidade[9], e, como foi ressaltado acima, uma precariedade em termos de infraestruturas e serviços urbanos.

Em segundo lugar, o bairro e a UPR dos Pimentas se constituem enquanto subcentralidade nas escalas regional e do município de Guarulhos. Uma certa concentração dos equipamentos, infraestruturas e serviços públicos e privados, criou uma "heterogeneidade funcional" (SANTOS, 2017) que participa da conformação de uma subcentralidade no Pimentas. Na parte do público, contamos por exemplo com:

> [...] Centro Educacional Unificado (CEU) dos Pimentas, a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) de Guarulhos, o Teatro Adamastor Pimentas, o Terminal Rodoviário Municipal, além da Central de Abastecimento de Guarulhos (CEAG) e do Hospital Municipal Pimentas Bonsucesso (HMPB), os quais têm como principal característica serem de abrangência regional. (CRUZ; LEGROUX, 2021, p. 720).

Em vista disso, todos esses elementos nos revelam toda a complexidade presente na formação e na dinâmica socioespacial no Pimentas, expressando o potencial empírico e analítico desse território (CRUZ; LEGROUX, 2021). A seguir, apresentamos elementos conceituais sobre o estigma territorial e a diferenciação

[7] Nenhum dos bairros dos Pimentas apresenta mais de 2.5% de responsáveis de família com mais de 20 salários-mínimos, enquanto 45% da população dos Pimentas se encontraria entre as classes D e E (Prefeitura de Guarulhos, 2021, p.81 apud MATOS, 2019, p.35).

[8] Em trabalhos de campo, apesar de não ter censo, sempre ouvimos e percebemos o crescimento das favelas e ocupações.

[9] Em 2021, o Observatório de Direito Humanos de Guarulhos divulgou que o bairro dos Pimentas é responsável por 20% do total de todo o município, isto é, ocupando o primeiro lugar.

socioespacial, como base para a análise do material qualitativo coletado.

Elementos conceituais sobre o estigma territorial e a diferenciação socioespacial.

Trata-se, aqui, de voltar sucintamente sobre a origem da utilização do termo estigma e como esse adquiriu outros conteúdos e interpretações, a partir de Goffman (1988). Além de diferenciar o termo "estigma" do termo "estereótipo", este último sendo utilizado indiscriminadamente como sinônimo do primeiro. Porém, ambos implicam em efeitos completamente diferentes, por isso a importância de distingui-los. Por fim, neste tópico, abordamos também o estigma territorial formalizado por Wacquant (2006; 2014) nos seus estudos sobre a marginalidade avançada no gueto do centro da cidade de Chicago e em conjuntos habitacionais nos arredores de Paris (WACQUANT, 2006; 2014), destacando as múltiplas dimensões do termo, como a violência simbólica, no campo subjetivo do processo de segregação socioespacial e como instrumento da diferenciação entre os grupos. Tudo isso relacionado com a nossa área de estudo, o distrito dos Pimentas.

O estigma é um termo utilizado desde a Grécia Antiga para designar sinais corporais, que eram causados por cortes e fogos para "evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava" (GOFFMAN, 2008, p. 11). Já na Era Cristã, os sinais corporais detinham dois sentidos: i) representação religiosa, isto é, as marcas eram tidas como graça divina. ii) representação médica, apontadas como distúrbios físicos. Porém, o termo estigma só foi formalmente conceituado e disseminado por Erving Goffman, sobretudo, com a publicação do

seu livro “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”, em 1963, na qual apresenta novas perspectivas e concepções que permeiam o termo.

Para o autor (2008), o estigma representa uma “situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”, situação determinada por meio de preconcepções estabelecidas a partir da categorização de aspectos que podem ser considerados normais (ou não), sendo elas definidas e subjugadas, sobretudo, nos ambientes e nas relações sociais. Dessa forma, o estigma manifesta-se quando “há uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real” (GOFFMAN, 2008, p. 12), isto é, aquilo que se espera do sujeito e o que ele é de fato:

> A estigmatização possui, essencialmente, uma natureza de desqualificação social do estigmatizado por parte dos “normais”, na medida em que a identidade real do indivíduo aponta atributos físicos, morais ou grupais que são negativos àquela expectativa que antes se tinha sobre sua identidade social virtual. (OJIMA; MARANDOLA JR; MORAES PEREIRA E SILVA, 2010, p. 404).

Para Goffman (2008, p. 13), o estigma é apontado como uma linguagem contraditória entre os atributos e estereótipos, isso significa que “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem [...]”. Os estereótipos - que podem ser constituídos por características positivas quanto negativas - se apresentam como uma fase que antecede e que podem resultar em estigmas, quando a atribuição de aspectos negativos geram formas de discriminação, diferenciação e de segregação social, assim "[...] o estigma é entendido como um estereótipo definido a partir da percepção de qualidades negativas em relação a uma pessoa ou grupo social." (ELORZA, 2019, p. 95 tradução nossa).

O estigma também é associado ao local de residência, no qual se constitui representações simbólicas negativas e depreciativas sobre determinados espaços da cidade, tendo repercussão sobre seus moradores. Esse processo se evidenciou durante os estudos e investigações comparativas realizados por Wacquant (2006; 2014) em territórios como hipergueto de Chicago e de conjuntos habitacionais deteriorados dos subúrbios franceses nos anos 1990, observando que:

> Em ambos os lugares, seus moradores expressaram a opinião forte e categórica de vizinhos, funcionários do Estado e da mídia comercial sobre a valorização negativa de seus bairros como ninhos de veneno social, vicioso e violento. Nesse sentido, esses moradores espalham o estigma de morar em uma área julgada como purgatório sociomoral para outros indivíduos, validando e disseminando os efeitos desse problema. (WACQUANT; SLATER; BORGES PEREIRA, 2014, p. 223 tradução nossa).

Nesse sentido, com base nos estudos de Goffman (2008) sobre estigma, Wacquant (2006; 2014) cunhou o termo "estigma territorial" para explicar esses conjuntos de conteúdos e discursos de descréditos atribuídos a esses territórios. O estigma territorial assemelha-se aos estigmas relacionados a conteúdos atribuídos a raça, religião e tribo[10] pois "pode ser transmitido por via da linhagem e (que ele) contamina de igual modo todos os membros da família." (GOFFMAN, 2008, p.14).

Esse aspecto reafirma que o estigma territorial não é uma condição estática (WACQUANT; SLATER; BORGES PEREIRA, 2014 apud ELORZA, 2019, p. 104), isso significa que, o local que

[10] Goffman (2008, p.14) identificou três formas de estigma: i) abominações do corpo ligadas às deformidades físicas; ii) culpas de caráter individuais e iii) estigmas tribais de raça, nação e religião.

reside ou onde residia, passa a constituir marcas eternas e a acompanhar os sujeitos em suas relações sociais e nos espaços que frequenta, visto que "[...] está registrado, não só nos documentos oficiais, mas também na vida, na história vivida que se encontra dentro de cada pessoa." (GONÇALVES, 2016, p. 74).

No Brasil, também, as periferias foram e são objeto de estigmatização territorial, por serem identificadas como lugares de "realização de práticas violentas, principalmente da criminalidade violenta, tanto em sua forma difusa como organizada." (PAIVA, 2007, p.3). Esses conteúdos se articulam com a formação socioespacial dessas áreas e são frutos do processo de segregação imposta (CORRÊA, 1989), em que os sujeitos com menor poder aquisitivo são concentrados em áreas distantes do centro da cidade.

Nesse caso, o distrito do Pimentas tem a sua origem marcada pela ocupação de loteamentos irregulares, devido à oportunidade de trabalho - pelas indústrias instaladas ao longo da Via Dutra - e pelos altos preços dos aluguéis, o que ocasionou a ocupação desordenada e precária daquela população. Mais tarde, com a instalação do aeroporto internacional de Guarulhos, influenciando no crescimento populacional do distrito, que devido a escassez da oferta de loteamentos, culminando em ocupações de áreas públicas e privadas, dando origem às favelas. Anos mais tarde, o Pimentas também passou a ser alvo de políticas habitacionais, como CDHU e, recentemente, PMCMV.

Toda essa complexidade presente no distrito do Pimentas, traduz a expressão do estigma territorial sobre essa área, em várias escalas, seja na escala municipal de Guarulhos e naquela da RMSP - pela sua dupla condição periférica - mas também, dentro do próprio território, por exemplo: uma favela pode ser estigmatizada

por parte de moradores de um conjunto habitacional situado nas proximidades.

Diante disso, o estigma territorial refere-se a uma imposição de representações e conteúdos que estigmatizam um determinado local, sobretudo áreas socialmente e espacialmente periféricas, culminando em uma forma de violência, nesse caso a simbólica, pois "quem sofre tem pouca capacidade de constituir uma identidade social diferente daquela imposta" (CORNEJO, 2012, p.185), contribuindo para que "o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que habitam, e que, em troca, o degradam simbolicamente [...]." (BOURDIEU, 2008, p.166). Além disso, Elorza (2019 apud Wacquant, 2014) salienta que, o estigma territorial não apenas consiste como uma expressão da violência simbólica (BOURDIEU, 2003), mas também, se estabelece como uma forma de desvantagem e, principalmente, o de diferenciação social, nesse caso, no âmbito espacial também.

O conceito de diferenciação (social e espacial) é complementar ao de estigma territorial, dentre outras razões, porque permite afinar as escalas geográficas e analíticas das desigualdades que são perpassadas por processos de diferenciação negativa, cuja dimensão espacial e/ou territorial é fundamental. Emprestado à sociologia, o conceito de diferenciação (social) foi ganhando ênfase na Geografia como diferenciação socioespacial ou como diferenciação espacial, dois conceitos que já foram amplamente definidos (ALEXANDER e COLOMY, 1990; JUTEAU, 2003; CARLOS, 2017; CORRÊA, 2022), conjuntamente com àquele de diferenciação territorial (JÚNIOR, 2010). Trata-se aqui, a partir de elementos chaves desta bibliografia, de compreender como o

conceito de diferenciação espacial oferece uma ferramenta analítica complementar àquela do estigma territorial.

O conceito de diferenciação, oriundo da sociologia, foi "utilizado nas análises não marxistas da mudança social, por Spencer e Durkheim, e logo por Parsons e, mais recentemente, por neofuncionalistas como Luhmann e Alexander" (JUTEAU, 2003). A diferenciação social pode ser compreendida como um processo pelo qual um indivíduo ou um grupo social se distingue de(dos) outro(s) indivíduo(s) ou grupo(s) social(ais). Esse processo está associado a outros como a exclusão, a discriminação, o racismo, a violência (simbólica ou não), dos quais pode ser o motor ou a consequência. Para Alexander e Colomy (1990), uma das causas da rejeição e da exclusão são as diferenças entre indivíduos. Assim, a diferenciação pode se basear em diferenças "naturais", como a idade, o sexo, a etnicidade, ou em diferenças de situação, como a renda, a religião, os valores, a língua, os comportamentos, os modos de vestir, os modos de vida. A diferenciação socioespacial incorpora o adjetivo espacial, para ressaltar indissociabilidade entre espaço e sociedade:

> Brunet (1986, p.300) afirma que o objeto particular do geógrafo é analisar o processo de funcionamento, de organização e diferenciação dos espaços; nesse sentido, 'produzir o espaço é ao mesmo tempo diferenciar e organizar'. Diferenciação e organização do espaço, para o autor, serviriam a reprodução social. (CARLOS, 2017, p.46).

Ressalta-se a dimensão dialética ao usar o termo "socioespacial", ou seja, não se trata de ver as diferenciações sociais no espaço, mas também de ver como o espaço (e sua produção) produz diferenciações. Como mencionado pela autora:

> Na cidade [a prática social] revela-se como justaposição entre uma morfologia social (promovida pela diferenciação das classes na

> sociedade) e pela morfologia espacial (produzida pelas diferenças nas formas e modos de acesso aos espaços de vida, através do uso) (CARLOS, 2017, p.49).

A dimensão espacial, voltando ao urbano que aqui nos interessa, coloca o foco em outras diferenças: a localização residencial de determinado indivíduo ou grupo social no conjunto urbano, ou ainda, o tipo de habitar e de práticas de um grupo social específico, associados a determinado território.

Em outros termos, a produção e a apropriação do espaço e da vida trazem intrinsecamente os processos de diferenciação socioespacial, sendo esta compreendida como uma maneira de apreender as desigualdades e os conflitos de classe contemporâneos. Tomando o exemplo da fotografia 1, a diferenciação socioespacial é simultaneamente territorial (a favela versus o condomínio de luxo), material (a falta de infraestruturas versus as piscinas e as quadras de tênis), socioeconômica (a pobreza versus a riqueza sem complexo), habitacional (o barraco versus apartamentos de luxo com piscina privativa e arborização). Esses dois espaços são separados por muros e outras medidas de segurança adotadas por parte dos prédios de luxo. Nesta fotografia, a dimensão social e espacial das desigualdades, que se expressam através da diferenciação socioespacial, é notória.

O que a foto não mostra são outras dimensões, como a cor da pele, as atividades profissionais, os tipos de práticas que ambos os grupos sociais desenvolvem para fora do seu lugar de moradia, isto é, por exemplo, as atividades de lazer, as relações sociais, a circulação na cidade. Essas práticas também revelam desigualdades e diferenciações sutis e embutidas nas representações e construções identitárias de grupos e indivíduos.

Figura 2: Fotografia aérea da favela Paraisópolis, ao lado do Morumbi, em São Paulo



Fonte: Fotografia de Tuca Vieira, 2017.

A diferenciação espacial, embora seja potencialmente um elemento positivo de construção identitária (CORRÊA, 2022), é muito mais frequentemente um instrumento ou um reflexo das desigualdades urbanas. Como argumenta Lefebvre em seu Manifeste Différentialiste (1970), o direito à diferença é a base do direito à cidade, mas a diferenciação socioespacial, quando associada ao estigma e às desigualdades, é vivida de forma negativa. Enquanto o estigma pode ser baseado em uma produção desde fora, como é o caso da mídia, os mecanismos de diferenciação socioespacial podem também ser capturados através das falas de moradores, tanto daqueles que moram fora, quanto daqueles que moram dentro de determinado espaço estigmatizado. É por essa razão que são analisados discursos e representações a partir de entrevistas semiestruturadas e de um Grupo Focal com moradores e não-moradores do Pimentas.

Narrativas vindas de fora: O estigma no Pimentas sob o olhar das matérias de jornais, memes e dos não moradores.

Partindo da perspectiva que o estigma territorial é uma construção social de discursos e representações de cunho negativo, que tem rebatimentos sobre determinadas áreas da cidade, as narrativas consolidadas, na maior parte das vezes, partem dos olhares de fora. Esses discursos são facilmente construídos, disseminados e incorporados nas matérias de jornais, nos memes e pelos não moradores, estes desempenham um papel fundamental e crucial para a consolidação de discursos vindos de fora que estigmatizam o distrito do Pimentas.

Antigas e novas formas de disseminação do estigma territorial sobre o Pimentas: das reportagens aos memes

As reportagens sobre o distrito do Pimentas foram retiradas no acervo online do jornal "O Estado de S. Paulo". As buscas foram feitas utilizando-se palavras-chaves relacionadas às variações na qual o Pimentas é reconhecido popularmente (bairro dos Pimentas, região do Pimentas, Pimentas etc.), com a intenção de encontrarmos uma série histórica de reportagens desde do início da consolidação do bairro - 1950 - até os dias atuais que mencionam de forma estigmatizada a área. Porém, foram encontradas apenas 19 reportagens que tratavam, de modo geral, sobre o Pimentas dentro do período de 1984 a 2015. Desse modo (ver quadro 1), das 19 reportagens 11 delas reproduzem e têm em suas narrativas elementos que estigmatizam o Pimentas.

Quadro 1: Reportagens que estigmatizam o distrito do Pimentos

Ano	Manchete	temática	Sobre o distrito do Pimentas
1986	Um grupo Legal, no nome e no programa		(...) no distante bairro dos Pimentas, pra lá de Guarulhos, região classificada como **"terra de ninguém**. O grupo só pôde mostrar o seu trabalho no período da tarde: **de noite, ninguém podia garantir a vida dos atores.**
15/10/1988	Suplemento"Guarulhos" volta a circular amanhã	Tráfego	Haverá também, netre outros assuntos, uma abordagem sobre a **perigosa região do Bairro dos Pimentas**, local de chacinas (...) Crianças e adultos são obrigados a ficar em casa, enquanto **criminosos comandam as ruas do bairro**.
16/10/1988	Do trânsito à lavoura, os contrastes da cidade	Violência	De acordo com dados da Delegacia Seccional de Policia Civil de Guarulhos, **a área mais perigosoa é a dos Pimentas** (...) No local, **a população vive uma rotina de medo e silêncio**.
16/10/1988	Região dos Pimentas é a mais perigosa	Violência	**Drogas e chacinas fazem parte do dia-a-dia da área mais pobre do municipio**. Quando amanhece, os moradores de Nova Normandia, na região dos Pimentas, saem de casa curiosos para conferir o saldo da madrugada. (...) A delegacia não possui estatísticas dos bairros, **mas a região dos Pimentas destaca-se como uma das mais violentas**
12/11/1999	Último morador ao sul diz viver no "fim do mundo"	Limites	À beira do rio tietê, **Pimentas sobrevive com gambiarras e sofre exclusão social**. (...)Chega-se ao sítio do Zinho por uma estrada de terra localizado **entre a "Boca quente" dos Pimentas e a Chácara Três Meninas.**
10/12/2000	8 regiões determinam perfil da cidade	Administração	**Já a falta de insfraestrutura e de segurança** fazem **parte da rotina** dos 152.160 guarulhenses que vivem na **área do CA Pimenta**s
14/01/2001	Pimentas e Porto da Igreja revelam contrastes	População	No bairro mais populoso de Guarulhos, os moradores **sofrem com a falta d'água e com a violência**. (...) Para conter a onda de crimes, a Policia Militar estuda a criação da 1ª Companhia de polícia na região, "**Vamos cerca Guarulhos pela periferia**, onde há muita carência social e pessoas desempregadas"
20/06/2002	Índice na grande São Paulo continua alto, apesar da redução	Cidades	Para ir até o ponto de ônibus, na avenida principal do bairro dos Pimentas, um dos mais carentes de Guarulhos, a filha do cozinheiro precisaa da companhia do pai (...) A preocupação não é à toa, **Pimentas também é um dos bairros mais violentos da cidad**e (...)
13/08/2012	Prioridades Equivocadas		O conselho Estudantis da instituição aprovou moção favorável à permanência da unidade no local onde está instalada - **O bairro dos Pimentas, uma região pobre, violenta** e com problemas de acesso por transporte público.
04/11/2012	Unifesp Guarulhos não terá calouros	Saída dos Pimentas	(...) um dossiê, produzido por professores, pediu à reitoria a saída da Unifesp da região. O documento argumenta que a **escola é isolada geografica e culturalmente**
12/12/2015	Giz, sucata e arduíno: Apesar de estimular interesse dos alunos, cultura maker ainda é coadjuvante nas escolas		As crianças do segundo ano da escola Municipal Jeanete Beauchamp, **no bairro dos Pimentas, um dos mais violentos de Guarulhos (SP)**, reforçam o conteúdo das aulas em oficinas de cultura maker (...)

Fonte: Estado de S. Paulo. Elaboração: Os autores, 2023

De modo geral, as reportagens analisadas têm como aspecto comum o modo como descrevem o distrito do Pimentas ao tê-lo como assunto da matéria, como terra de ninguém; área perigosa; região e bairro mais violentos, que sofre com falta de segurança; região pobre e violenta, isolada geograficamente e culturalmente, entre outros aspectos que podem ser observados no quadro. São utilizados instrumentos narrativos que legitimam aquilo que está sendo exposto, com presença, em sua maioria, de depoimentos de diferentes sujeitos e de próprios moradores, que reafirmam os atributos incorporados ao Pimentas nas reportagens. Além disso, algumas notícias usam de comparações com outras áreas, ressaltando apenas características negativas e que reforçam a estigmatização sobre o Pimentas, e com isso, justificar falas e medidas mais severas e rígidas no combate à violência - principal temática relacionado ao Pimentas - contidas na reportagem de 2001, com a frase "Vamos cercar Guarulhos pela periferia"

Muitos desses conteúdos não estão apenas de modo explícito - nas manchetes e temáticas que tratam sobre violência, por exemplo, como aparece nas reportagens dos anos 1988 - mas também estão presentes de modo implícito, sejam vinculadas a notícias que tratam sobre cultura - como descrevendo a trajetória e apresentação do grupo de teatro no Pimentas, em 1986 - ou assuntos ligados à educação - tal como sobre o movimento *maker*, em 2015, e permanência ou não do campus da UNIFESP, em 2012.

Além do mais, outro elemento importante presente na maioria das reportagens, que de algum modo depreciam e, por isso, estigmatizam o distrito do Pimentas, é a presença de frases do tipo: "criminosos comandam as ruas do bairro", "a população vive uma rotina de medo e silêncio" ; "Drogas e chacinas fazem parte do dia-

a-dia", "falta de segurança faz parte da rotina", reproduzem afirmações e contestações de que os moradores do Pimentas, vivem uma rotina e um cotidiano apenas interligados ao perigoso e a violência, suprimindo qualquer forma de manifestação contrária a essa condição noticiada nas reportagens. Esses conteúdos passam a ser assimilados com frequência pelos meios de comunicação, influenciando, assim, na percepção daqueles que não conhecem o Pimentas.

Como observado no quadro 1, a quantidade de notícias atuais disponíveis pelo jornal sobre a área é um fator limitante. Os memes se apresentaram, no entanto, como uma forma e um instrumento fundamental nos estudos sobre vinculação de conteúdos e representações depreciativas relacionadas ao distrito do Pimentas no momento atual.

Os memes são considerados uma forma de comunicação, contendo informações resumidas que são representadas por imagens ou vídeos, de maneira satírica e humorística, que lembram acontecimentos e episódios ocorridos no cotidiano das pessoas ou, como nesse caso, sobre características marcantes de um determinado grupo e/ou de um local, que partem de concepções identificadas e que contém uma verossimilhança entre aqueles que acessam, visualizaram, estes conteúdos, ocasionando curtidas, comentários e compartilhamentos, facilitando a disseminação destes discursos. Desse modo, a reprodução e o reforço de representações negativas que estigmatizam grupos e/ou áreas, passam despercebidos e são mascarados por meio da utilização de linguagem menos séria, e de um tom de diversão

Nesse sentido, foi realizado o levantamento dos memes que foram retirados das páginas de Facebook "GRU MIL GRAU" e

"GuaruTrolls", que dispõem, respectivamente, de 24.701 e de 112.460 mil seguidores. Ambas as páginas apresentam um fator em comum nos memes que tratam sobre o Pimentas, representações relacionadas a violência, alguém sendo roubado no bairro, local perigoso, onde só residem criminosos e entre outros, que de forma "cômica e humorística", conseguem grande número de curtidas e compartilhamentos. Descrevemos aqui dois memes - um de cada página - para ilustrar o conteúdo geral analisado.

O meme indicado na figura 3 foi retirado da página "GuaruTrolls", publicado no dia 2 de novembro de 2021, e, até o momento do levantamento, esse meme tinha obtido 581 curtidas, 50 comentários e 267 compartilhamentos. O meme inicia com uma frase em destaque "Como foi o halloween no Pimentas", e logo abaixo da frase uma imagem de uma bruxa voando na sua vassoura - que aparenta ser diferente das vassouras comuns - e sorrindo. Logo em seguida, temos a imagem de dois adolescentes negros com uma vassoura simples, de capacete atrás da bruxa dizendo: "Perdeu bruxa vacilona passa a vassoura". Observamos que esse meme teve bastante repercussão por se tratar de uma celebração recente, o halloween, no dia 31 de outubro, conjuntamente, com a representação de como essa data é comemorada no Pimentas, demonstrando que tudo é roubado nesse local até mesmo uma vassoura. E que nem a bruxa, uns dos símbolos que causam medo, sobretudo em crianças, que estava voando conseguiu evitar de ser roubada, pois os adolescentes foram atrás e voaram para poder roubar a vassoura. Nesse sentido, observamos uma verossimilhança nos conteúdos expostos, o halloween e o Pimentas como uma área perigosa, simbolizada por dois adolescentes moradores dessa área.

Figura 3: Meme "Como foi o Halloween no Pimentas



Fonte: GuaruTrolls

Já a figura 4 é um meme retirado da página GRU MIL GRAU, no dia 31 de agosto, que obteve 117 curtidas, 4 comentários e 27 compartilhamentos. O meme tem uma frase em destaque: "Eita poha aqui é o Pimentas?" e um policial observando a área que tem características - padrão da construção das casas, conjuntos habitacionais, entre outros - que se faz presente numa paisagem de um bairro periférico, como o Pimentas. Diante disso, o policial afirma: "É só fazer um muro em volta que a cadeia está pronta". Nesse meme, o conteúdo da mensagem mostra-se muito mais direto, pois fica evidente o imaginário negativo e depreciativo que as pessoas, como também, as instituições públicas, têm em relação ao Pimentas, como um bairro que só tem criminosos, ladrões. A única maneira de contê-los, seria transformar o distrito inteiro em uma cadeia. Assim, automaticamente, esse meme generaliza

percepções construídas por olhares de fora sobre os moradores desse bairro, excluindo outros aspectos e particularidades de cada sujeito que mora no Pimentas.

Figura 4 - Meme "Eita poha aqui é o Pimentas?



Fonte: Gru Mil Grau

Todo esse conjunto de narrativas, falas e imagens presentes nas reportagens e nos memes revelam-nos a intencionalidade de direcionar o imaginário do leitor - que não conhece toda a complexidade da área- sobre o que representa o Pimentas perante a cidade de Guarulhos. Essas narrativas não só contribuem para estigmatizar espacialmente o Pimentas, mas também, marginaliza ainda mais os sujeitos que ali habitam, além de inibir e anular a possibilidade de mudança daquela realidade imposta pela sociedade. Contribuindo, também, para um efeito de naturalização dos discursos e conteúdos associados ao distrito, pois, quanto mais recebem a mesma mensagem e informação, mais natural passa a ser as ideias depreciativas e negativas sobre determinada coisa (RECUERO; SOARES, 2013).

A opinião sobre o Pimentas dos não-moradores

As reportagens e os memes constituem duas ferramentas relevantes na construção e disseminação de um imaginário apenas negativo que estigmatiza o distrito do Pimentas. A reprodução desses conteúdos reflete-se, também, na opinião daqueles que residem em outras áreas de Guarulhos, inclusive daqueles que moram na área central. Obtivemos esses relatos a partir das entrevistas efetuadas no âmbito do projeto temático FragUrb, com um roteiro semiestruturado, que permitiram uma análise e a sistematização das entrevistas, em que percebemos a presença constante de falas que, de alguma forma, estigmatizam o distrito do Pimentas, corroborando com as nossas análises. Nesse sentido, exporemos alguns relatos e falas que chamaram a nossa atenção, pelo modo como fazem referência à área, como por exemplo, o André e Adriano, dois jovens que moram no centro de Guarulhos.

André ao responder o questionamento feito sobre algum bairro da cidade que não moraria, cita diversos bairros entre eles o Pimentas, enfatizando que são considerados perigosos. Porém, apesar de explicar que essa visão é compartilhada apenas pelos seus pais e que ele enxerga de uma outra maneira, reafirma sua representação ruim desses bairros e por isso não moraria neles.

> (...) **tem bairros que são conhecidos como bairros perigosos**, enfim, **os meus pais falam que são bairros mais perigosos**. **Eu enxergo que são simplesmente bairros de menor renda, de uma população mais carente**. Mas, por exemplo, **Bom Clima**, **Bonsucesso**, qual era o nome do outro? Me fugiu o nome agora...o próprio **Bairro dos Pimentas**, **Cocaia**, são alguns outros bairros que **não tenho uma imagem boa** desses bairros, eu não moraria lá. (André, 19 anos, morador do bairro Maia, centro de Guarulhos, entrevista do 17/06/ 2020, grifo dos autores)

Já o Adriano, ao falar sobre o Pimentas, confirma que muitas pessoas têm um olhar negativo e destaca, em sua fala, aspectos sobre o distrito como: "mais debilitado", "com menos condições", "menos seguro" e "bairro que tem menos oportunidades", comparando-o com um bairro considerado mais nobre. Além disso, utiliza-se desses aspectos como uma justificativa para dizer que não moraria nele, contrapondo, novamente, com um outro bairro, vila Rio - zona norte de Guarulhos -, local que havia salientado, em falas anteriores, que não moraria. Nesse sentido, o Adriano aponta que preferiria morar na vila Rio do que no Pimentas. Ademais, o entrevistado declara que não tem uma imagem boa sobre o Pimentas e que frequentou o bairro poucas vezes:

> Hoje em dia a grande parte das pessoas têm uma **visão negativa do Pimentas**. Como um bairro tipo, não diria inferior, mas um **bairro mais debilitado** eu diria, **com menos condições, menos seguro, assim é um bairro que tem menos oportunidades** do que alguém que mora no bairro mais nobre. Também é um **bairro que eu não moraria**, que a gente falou no começo. **Se for comparar Vila Rio com Pimentas, prefiro ir morar no Vila Rio (...) eu não vejo o Pimentas hoje como um bom bairro, sabe eu mesmo se você falasse quantas vezes você foi para o Pimentas, dá para contar nos dedos [...]** (Adriano, 20 anos, morador de vila Fátima, centro de Guarulhos, entrevista do 22/06/2020, grifo dos autores).

Como o André, o Adriano tem uma representação negativa do Pimentas com base na perspectiva de outros, isto é, concepções construídas pelas notícias de jornais e memes que, consequentemente, que ficam no imaginário e são espalhadas por outras pessoas. Essas ideias perpassam gerações, e o não conhecimento, também, está presente na fala de Dona Yoko de 57 anos, moradora do bairro Macedo, na parte central de Guarulhos:

> Nossa, um bairro que eu não moraria (risos) tem vários ... eu **não sei se Pimentas acho que faz parte né?** aqueles lados l**á mais para o fundo**, **que o pessoal fala. Eu não conheço né? mas as pessoas falam né? que é muito mais difícil. Taboão**, mesmo **Bela Vista**, **acho que não moraria também.** (Yoko, 57 anos, moradora de bairro Macedo, centro de Guarulhos, entrevista do 03/07/2020, grifo dos autores).

Nessa fala, observamos que ela não só desconhece o distrito no sentido de frequentá-lo, mas, também, no aspecto de pertencer a Guarulhos ou não. Mesmo não obtendo uma resposta, refere-se ao Pimentas como bairro "do fundo", pois é considerado como "mais difícil". Nesse sentido, ser um "bairro difícil" significa o que? Difícil de viver? Por ser perigoso ou violento? Por que razões? Pela distância em que se situa a área? Pela falta de oportunidade? Dona Yoko, também, deixa claro que não conhece o distrito e que essa percepção não parte dela, mas sim, do que ela escuta das outras pessoas que comentam sobre o Pimentas. Mesmo assim, ao responder o questionamento sobre o bairro que não moraria, menciona o Pimentas, com isso, discretamente e por influência, também, compartilha dessas concepções que permeiam a área.

O estigma sobre o Pimentas não só é repercutido e reconhecido apenas por aqueles que não moraram e que não tem conhecimento sobre a realidade dos que convivem no distrito. As narrativas de ser uma área perigosa e violenta, também são expressadas entre os ex-moradores, como no caso da Bianca, que sempre morou no Pimentas, mas há 6 anos se mudou para Bauru - interior do estado de São Paulo- por motivos de estudos.

Ao traçar um paralelo entre as duas realidades - a atual em Bauru e a de antes no Pimentas -, Bianca revela-nos que gosta do movimento e do senso de comunidade presentes no Pimentas, algo

que em Bauru sente falta. Porém, aponta-nos que, apesar disso, o Pimentas apresenta desvantagens, e uma delas é ser perigoso. Ao destacar esse aspecto, que também existe nos discursos jornalísticos, nos memes e, sobretudo, entre os não moradores, Bianca menciona que foi adquirindo algumas mudanças em seu comportamento e sensações, no momento que se mudou para Bauru e passou a visitar seus pais no Pimentas. Um dos motivos para essa transformação é a falta de iluminação do bairro e na rua que moram seus pais, o que causa nela um medo que antes não sentia:

> **Em Pimentas** t**em bastante favela, então tem lugar que não tem saneamento básico**, **iluminação é bem péssima, na minha rua mesmo fica muito escuro**, e **quando eu vou visitar a minha mãe eu fico com medo, e antes, quando a gente mora lá, a gente não tem esse medo, mas depois que sai do lugar que a gente estava,** é bem escura as ruas às vezes quebra e demora mil anos para consertar [...]. (Bianca, 18 anos, ex-moradora do bairro Jardim Alice, Pimentas, entrevista do 18/06/2020, grifo dos autores).

Bianca tenta de alguma maneira encontrar outras justificativas para essa sensação de medo, como ser mulher ou naturalmente medrosa. Explica que sente esse medo em Bauru também, mas nada se compara com o que sente quando está no Pimentas e que, após três dias de convivência no distrito começa a perder um pouco dessa sensação, mesmo assim, não o perde totalmente, pois ainda fica receosa por passar em locais que antes passava.

> [...] acho que hoje muito mais que antes, mas essa questão de adotar, **não sei se é porque eu sou mulher ou porque eu sou medrosa,** mas até aqui em Bauru eu tenho bastante medo de andar na rua. **Mas lá, em alguns lugares, eu não sinto tanto medo,** é mais na hora que eu chego se esta noite, e eu tenho que subir a rua, **mas eu fico...por exemplo, na minhas férias eu fiquei 15 dias,**

> **passou 3 dias já meio que perdi o medo**, claro que eu não vou entrar em vielas que antes eu entrava, brincava com todo mundo. **Aqui eu ainda tenho medo, só que lá, eu acho que muito mais, não sei falar isso** [...]. (Bianca, 18 anos, ex-moradora do bairro Jardim Alice, Pimentas, entrevista do 18/06/2020, grifo dos autores).

Segundo Fernandes (2009), o sentimento de angústia e a sensação de insegurança estão relacionados, diretamente, com a presença do medo, sendo um fenômeno produzido socialmente. A disseminação do medo - via boatos, comentários, meios de comunicação - podem tomar grandes proporções, espalhando a cultura do medo que atinge todas as escalas interferindo, principalmente, no cotidiano dos sujeitos. Em vista disso, nas falas de Bianca fica evidente que, ao retornar ao local em que conviveu por 16/17 anos, a sensação de medo, insegurança, começou a prevalecer nas suas práticas e no seu cotidiano no distrito, pois foi perdendo o contato com a realidade da área, a partir do momento em que mudou de cidade e passou a ser por meio de outras fontes - conversas, boatos, mídias entre outros.

Dessa forma, o Pimentas ser reconhecido como perigoso ou não ser lembrado como parte da cidade de Guarulhos, são alguns dos elementos que conseguimos apreender nas falas sobre a representação que esses entrevistados têm sobre a área, pois os estigmas territoriais podem e se manifestam de diversas formas e intensidades, que perpassa por múltiplas escalas e, assim, tornam-se mais complexas as apreensões de discursos e relatos que estigmatizam territorialmente um local.

O estigma territorial a partir de representações e olhares do próprio distrito dos Pimentas

O estigma estabelecido sobre o distrito dos Pimentas - como um local perigoso, violento - são constituídos pelos meios de comunicação - jornais e redes sociais - e são compartilhados por aqueles que não conhecem com propriedade a realidade da área, como vimos anteriormente. Esses conteúdos desqualificam e marginalizam simbolicamente o território, e, também, seus moradores. No entanto, como esses discursos, sobretudo negativos, repercutem nos moradores do Pimentas? Como eles identificam a presença de um estigma? Diante desses questionamentos, este tópico apresenta e analisa falas, opiniões e representações, coletadas por meio de entrevistas efetuadas com os moradores de diversos bairros que compõem, administrativamente, o distrito dos Pimentas, constituindo o que nomeamos de o olhar de dentro. O foco da análise foi direcionado para os discursos sobre a violência, a segurança e o medo, a fim de verificar se o estigma construído desde fora, corresponde às representações de quem vive no Pimentas, mas também de identificar as opiniões sobre esse estigma.

Em primeiro lugar, em um total de mais de 40 entrevistas realizadas no Pimentas, foi identificada opiniões convergentes em dizer, no geral, que era mais violento no passado, como Edilene, que comenta que a mãe dela dizia que era muito perigoso na época. A própria entrevistada comenta acerca da imagem que as pessoas de fora têm sobre o Pimentas:

> [...] **as pessoas ainda acham que é um bairro muito perigoso e muito desordenado**. Elas até falam 'mas você mora lá mesmo?', porque as pessoas normalmente julgam, o fato de que eu trabalho em um lugar legal, falar bem, ter estudado, é como se eu tivesse que estar morando no Jardins. **Ainda tem essa ideia de um bairro muito pobre, muito perigoso**. (Edilene, 41 anos, moradora de Jardim Centenário, Pimentas, entrevista do 26/03/2022, grifo dos autores).

Se era mais violento, como dizem a maioria dos moradores, também tinha mais preconceito, segundo outra entrevistada, para quem o preconceito desapareceu:

> Agora já não tem mais preconceito, mas antigamente, há uns 20, 30 anos atrás, vocês falar que morava em Guarulhos e especificamente no bairro dos Pimentas, **as pessoas olhavam com a cara feia, com preconceito** (Márcia, 61 anos, moradora de Jardim Normandia, Pimentas, entrevista do 09/04/2022, grifo dos autores).

Percebemos a associação de representações múltiplas, associadas ao estigma, e base de um discurso diferenciador: a perigosidade é associada à pobreza, e o fato de uma pessoa estudada e ter um bom trabalho morar no Pimentas é algo que parece não combinar, segundo olhares de fora. Edilene sente medo com relação a um lugar específico, que não frequenta: *"*Eu morro de medo daquele parque, os moradores contam que é um lugar que as pessoas entram para fumar crack, que é perigoso*"*, da mesma forma que um morador de uma área central pode sentir medo de alguns lugares, em determinados períodos. Mas, ao ser perguntada sobre se acha o bairro inseguro, responde:

> Não, **eu tenho mais medo de São Paulo**. No começo eu tinha, quando eu vim para cá eu morria de medo, mas depois, [...] as pessoas vão te conhecendo, você vai conhecendo a dinâmica do bairro, quando acontece alguma coisa, por exemplo, "Tem um carro estranho rondando por aqui, mexendo com as meninas", aconteceu isso há um tempo atrás, o próprio pessoal do bairro já dá um jeito de resolver isso. Então eu não tenho medo, nesse ponto eu não tenho medo, **eu sei que as pessoas sabem que eu moro aqui, que eu trabalho aqui, eu tenho mais medo de São Paulo**. Eu tenho mais medo de parar no semáforo em São Paulo, eu não tenho carro, mas quando eu estou de Uber ou uma amiga, alguma coisa assim, eu tenho mais medo de ser assaltada em São Paulo.

> **Eu acho São Paulo muito mais violento do que aqui, por incrível que pareça.** (Edilene, 41 anos, moradora de Jardim Centenário, Pimentas, entrevista do 26/03/2022, grifo dos autores).

As relações sociais e os outros tipos de organização social que estão presentes no Pimentas parecem fornecer uma certa segurança, sendo que discursos semelhantes são frequentemente notados nas entrevistas: "conhecer todo mundo" ou "morar aqui há tempo" são assim fatores determinantes. Ao achar São Paulo muito mais violento do que o Pimentas, notamos uma inversão do estigma, ao nível das representações. Não que haja vontade de estigmatizar São Paulo, mas essas falas mostram que a experiência local de insegurança e medo no Pimentas não condiz com o estigma produzido desde fora. Isso é confirmado por outra entrevistada, ainda à pergunta se acha o bairro inseguro: "Olha, vou te dizer que eu tenho 30 anos e a única vez na vida que eu fui roubada foi na Avenida Paulista" (Nice, 30 anos, moradora do Sítio São Francisco, Pimentas). Interessante que essa interlocutora está consciente da construção do estigma:

> **Nunca teve situação de roubo**, é que é uma região periférica, tem ali as questões de tráfico, no passado já tiveram algumas intervenções, será que eu posso chamar assim? **Coisas que atraíram Datena, jornais, casos bem complicados, mas no todo, não é uma região violenta**. Eu me sinto mais segura lá do que andando por alguns lugares de São Paulo. (Nice, 30 anos, moradora do Sítio São Francisco, Pimentas, entrevista do 26/03/2022, grifo dos autores)

Os olhares de dentro desconstroem à sua maneira o estigma territorial dos Pimentas, ao trazer outros elementos de análise e ao estabelecer matizes. Nice afirma que "no todo, não é uma região violenta" e que foi roubada no centro de São Paulo. Longe de negar a existência de problemas e violências no Pimentas,

parecem argumentar que, finalmente, a violência e a insegurança estão em todas as partes. No mesmo sentido, outro entrevistado diz:

> Eu acho o **bairro super seguro, lógico, eu acho que toda localidade tem suas violências, suas negatividades**, mas eu acho que **por conhecer** o bairro, acho que por conhecer as pessoas, eu acho que saber por onde também eu estou andando, tal rua, eu acho que eu me sinto tranquilo por aqui [...] Eu acho que por morar aqui tanto tempo, eu tenho essa confiança, né? (Flaviano, 35 anos, morador do Jardim Ferrão, Pimentas, entrevista do 31/03/2022, grifo dos autores).

Novamente, a apropriação do bairro, a partir da circulação e das relações sociais vem amenizar as experiências negativas em termos de insegurança. À mesma pergunta "se sente insegura no bairro dos Pimentas?" Márcia responde que sim, mas que é um medo geral, e não territorialmente associado especificamente ao Pimentas:

> A gente tem medo, como eu tenho medo de ir lá para o centro, para a capital. **Para qualquer lugar que a gente vá,** a gente vai sempre apreensiva, com medo. (Márcia, 61 anos, moradora de Jardim Normandia, Pimentas, entrevista do 09/04/2022, grifo dos autores).

Micro-diferenciações socioespaciais e o estigma territorial que se desloca nas identidades

Diferentemente de uma entrevista individual, em um Grupo Focal, o "participante tem maior dificuldade de omitir um fato, ou de narrá-lo de modo pouco compatível com o ocorrido" (NETO; SPOSITO; MAGRINI; BERNARDES, 2022, p.17). Trata-se de fazer emergir os consensos e os dissensos. O nosso Grupo Focal reuniu 9 mulheres de um bloco do mesmo conjunto habitacional (chamado "Esplanada"), do programa MCMV-faixa 1. Um ponto comum dessas mulheres é a história de vida passada, porque todas

elas vieram de favelas e de áreas de risco, e todas elas foram desapropriadas. Identificam claramente um "nós", que vieram de favela e que foram agrupadas no mesmo bloco, e um "eles" que não sabem o que é morar em favela. Uma colaboradora afirma, por exemplo, no que diz respeito ao outro bloco: "tem muita gente do bloco 2 que nunca pisou em uma favela. Então nunca vai estar bom o Esplanada". E complementa: "ali no Esplanada, subiu para o segundo andar, colocou um piso, já acha que é rico".

Através dos relatos das mulheres, notamos que o estigma e a discriminação sofrida por elas, por parte de moradores de outros blocos, é ligada a dois fatores principais: i) a condição socioeconômica precária dessas mulheres e, ii) o estigma territorial do antigo local de moradia, que elas parecem carregá-lo, no tempo e no espaço; e como diz o ditado "eu sai da favela, mas a favela não saiu de mim".

Por um lado, parece ocorrer um processo de diferenciação social, baseado nas dificuldades das mulheres do nosso grupo focal, que têm inclusive incapacidade financeira de pagar o condomínio: "eu já expliquei para o pessoal que trabalha na portaria que vou fazer um gato na minha luz", diz uma colaboradora. E completa: "Aí muitas mulheres estão desempregadas, marido desempregado, não tem condições agora e não vai ter". Outra mulher pergunta: "*V*ai ficar sem água e sem luz para pagar condomínio?".Em contrapartida, relatam um menosprezo e uma discriminação por elas virem de favelas. Isto significa que o estigma territorial não é uma condição estática, mas, que segue as pessoas nas suas histórias de vida e nas suas identidades, como foi postulado acima, na secção teórica.

Essa micro-diferenciação, isto é, ao nível de um conjunto residencial, *a priori* acolhendo a mesma classe socioeconômica (a faixa-1 do MCMC), de pessoas que não eram proprietárias inicialmente, mostra até que ponto as escalas da diferenciação espacial e do estigma territorial existem em múltiplas escalas e configurações.

Considerações finais

Através de um trabalho, que reuniu diversas metodologias qualitativas, foi possível vislumbrar a relevância dos conceitos de estigma territorial e de diferenciação socioespacial, para analisar o urbano e as desigualdades contemporâneas. Ao mudar as escalas geográficas, diversas conclusões aparecem com relação ao estigma territorial: i) construído desde fora, não corresponde às representações e experiências das pessoas que vivem cotidianamente no Pimentas, ii) dentro do Pimentas, encobre uma multitude de camadas e nuances porque os entrevistados classificam de certa forma o distrito entre menos e mais perigosas, iii) não é fixo em um território, já que as pessoas podem carregar o estigma mesmo ao mudar de local de moradia.

No que diz respeito aos processos de diferenciação, eles permitem colocar em evidência alguns conteúdos que se escondem na expressão, por vezes caricatural, do estigma. Por exemplo, observamos a conjunção de diversos campos lexicais: a distância, a perigosidade, a insegurança, o medo, em uma escala maior ou de fora. Na escala de dentro, percebemos, por meio de falas de moradores que apontam e qualificam bairros que são mais ou menos perigosos e, por isso, devem ser evitados, mesmo fazendo parte, administrativamente, do mesmo distrito. Além do mais, a

diferenciação parece inevitável em qualquer escala: na escala do condomínio, as mulheres sofrem de um estigma territorial baseado no seu antigo local de moradia, que é combinado com a sua condição socioeconômica atual precária. Na escala do bairro, essas mulheres sofrem também o preconceito de moradores antigos do distrito, conjuntamente daqueles que não fazem parte do PMCMV, além de preconceito, como aquela da cor da pele, ou seja, o racismo, como quando uma delas reclama ter sido seguida pela segurança no Shopping Center, e pergunta "só porque eu sou preta?". Talvez os métodos qualitativos que buscam analisar falas de pessoas que vivem nos lugares pesquisados permitem justamente mostrar que a insegurança (e o medo) não deixa de ser profundamente subjetiva e que nem sempre se encontra onde se esperaria o senso comum.

Ainda, há de se atentar para a multiescalaridade dos processos de diferenciação socioespacial e de estigmatização territorial, pois como as desigualdades, eles se acumulam e se sobrepõem. Em outras palavras, a análise dos diversos processos diferenciadores e estigmatizantes que marcam as periferias contemporâneas não podem ignorar que a diferenciação socioespacial encobre desigualdades complexas e deve, portanto, ser capturada levando em conta as interseccionalidades e as múltiplas escalas envolvidas no processo (BILGE, 2010).

Bibliografias

ACERVO ESTADO DE S. PAULO. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso em: 19 nov. 2021.

ALEXANDER, J., COLOMY, P. *Differentiation Theory and Social Change*: Comparative and Historical Perspectives. 510 p, **Columbia University Press**, 1990.

BILGE, S. De l'analogie à l'articulation: théoriser la différentiation sociale et l'inégalité complexe. **L'homme et la société**, n.176-177, avril-septembre, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6 ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos do lugar. In: BORDIEU, Pierre. (org.) **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: VOZES, 2008.

CARLOS, Ana Fani. Diferenciação socioespacial. **Cidades**, v.4, n.6, p.45-60, 2007.

CORNEJO, Catalina Andrea. Estigma Territorial como forma de violencia barrial. El caso del sector El Castillo**. Revista Invi**, Santiago-Chile, v. 27, n. 76, 2012.

CORRÊA, R. Notas sobre a diferenciação espacial. **Geousp**, vol. 26, n.1, 2002.

CORRÊA, R. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CRUZ, Taís Souza da. **Pimentas na periferia metropolitana: reflexões acerca do estigma territorial e de suas contradições**. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/234643>.

CRUZ, Tais Souza da; LEGROUX, Jean José. Caracterização socioespacial dos Pimentas (Guarulhos –SP): Entre periferia metropolitana e subcentro municipal. In: **Semana de Geografia**, 2021 - Presidente Prudente/ SP. ANAIS XXI Semana de Geografia: outras Geografias e (A) diversidades, 2021. p.706- 727.

ELIAS, Norbert.; SCOTSON, John L. O**s estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELORZA, Ana. Segregação residencial e estigma territorial. Representações e práticas dos habitantes de territórios segregados. **Eure**, vol. 45, n.135, mayo 2019, p. 91-109.

FERNANDES, Fernando Lannes. **Violência, medo e estigma: efeitos sócio-espaciais da "atualização" do "mito da marginalidade" no Rio**

de Janeiro. Tese (doutorado em Geografia). Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

GAMA, Nilton César de Oliveira. **O processo de conformação da periferia da periferia urbana no município de Guarulhos: os loteamentos periféricos como (re) produção de novas espacialidades e lugar de reprodução de força de trabalho**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: nota sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, Valdir José. **A segregação e o estigma socioespacial presentes na formação histórica do Bairro Teotônio Vilela em Ilhéus/BA**. 2016. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade EST, São Leopoldo, 2016.

GUARUTROLLS. Disponível em: <https://www.facebook.com/GUARUTROLLS> Acesso em: 12 nov. 2021.

GRU MIL GRAU. Disponível em:< https://www.facebook.com/grumilgrau> Acesso em: 12 nov. 2021.

JÚNIOR, S.-C. Diferenciação territorial e urbanodiversidade: elementos para pensar uma agenda urbana em nível nacional. **Cidades**, v.7, n.12, 2010.

JUTEAU, D. Introduction à la différenciation sociale. In: Danielle Juteau (dir.) **La différenciation sociale: modèles et processus. Montréal:** Presses de l'Université de Montréal. 298 p, 2003.

OJIMA, Ricardo.; MARANDOLA JR, Eduardo.; PEREIRA, Rafael Henrique Moraes.; SILVA, Robson Bonifácio. O estigma de morar longe da cidade: repensando o consenso sobre as "cidades-dormitórios" no Brasil. **Cad. Metrop.** São Paulo, v.12, n.24, p.395 - 415, 2010

PAIVA, Luiz Fábio S. Contingências da violência em um território estigmatizado. **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia.** Fortaleza. 2007.

RECUERO, Raquel.; SOARES, Priscilla. Violência simbólica e redes sociais no facebook: O caso da fanpage "Diva Depressão". **Galaxia** (São Paulo, online), n. 26, p. 239-254, dez. 2013.

RIZZON, Renata Cristina. CRUZ, Taís Souza. OLIVEIRA, Pablo Muryllo. Fragmentação socioespacial e Estigma territorial: Reflexões sobre a produção do espaço urbano na atualidade. In: **SIMPURB, 2022** - Curitiba/PR. ANAIS XVII Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2022.

ROMÃO, Gasparino José.; NORONHA, Adolfo de V. **Guarulhos 1880 - 1980**. Guarulhos: PMG, 1980.

SANTOS, Carlos José F. **Identidade Urbana e Globalização: a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos/SP.** 1. ed. São Paulo: Annablume/SINPRO-Guarulhos, 2008.

SANTOS, Plínio Soares dos. **A transformação da estrutura urbana na cidade de Guarulhos e a constituição de uma nova centralidade no Bairro de Pimentas**. Dissertação (Mestrado em projeto, produção e gestão do espaço) – FIAM FAAM, São Paulo, 2017.

SILVA, Bruna Alves.; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso.; OLIVEIRA, Maria de Fátima. Os memes como retórica depreciativa nas relações entre Barra do Garça (MT) e Aragarças (GO). **Mídia e Cotidiano**, vol. 14, n. 1, p. 179 – 203, 2020.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos (FragUrb)**. São Paulo, Fapesp, 2018 [projeto de pesquisa temático]

WACQUANT, Löic. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. Sociologia. **Departamento de Sociologia** – Faculdade de Letras/UP, v..XI, Porto, 2006.

WACQUANT, L., SLATER, T., BORGES PEREIRA, V. (2014) Estigmatización territorial en acción. Revista invi, 29 (82), 219-240.

Submetido em: 15 de março de 2023.
Devolvido para revisão em: 29 de março de 2023.
Aprovado em: 30 de março de 2023.

SOUZA DA CRUZ, T.; LEGROUX, J. ESTIGMA TERRITORIAL E DIFERENCIAÇÕES SOCIOESPACIAIS DA/NA PERIFERIA: O CASO DO PIMENTAS (GUARULHOS-SP). **Terra Livre**, *[S. l.]*, [s.d.]. Disponível em: